

O SLAM DE POESIA E A CONFIGURAÇÃO DE UM TERRITÓRIO PARADOXAL NO ESPAÇO PÚBLICO CURITIBANO – O CASO DO SLAM CONTRATAQUE

Gabriela Bortolozzo¹

RESUMO

A cidade contemporânea se concebe sob moldes hegemônicos que reverberam disputas pelo espaço urbano. Formas de resistência insurgem nesse movimento, dentre estas destacamos os slams de poesia. Sua prática consiste em competição de poesias de cunho político e reivindicatório, que ao serem declamadas nos espaços públicos, revelam um corpo político múltiplo, conformador de territórios paradoxais.

*

Introdução: os slams de poesia se formam no espaço público brasileiro

Quando ouvimos falar sobre o *poetry slam*, o slam de poesia, ou ainda, slam – como costumamos chamar aqui no Brasil –, provavelmente não imaginamos o quanto este fenômeno poético-político-social já carrega de histórias e construções coletivas. O evento é definido por muitos como um encontro em que poetas amadores reúnem-se para competir entre si com suas poesias, que devem despertar assim, maiores reações e emoções a um público curioso ou interessado que os contemplam. Os poetas declamam, o público reage, jurados – igualmente amadores – dão notas às poesias e, ao final, tem-se ganhadores da rodada que podem seguir para etapas regionais, nacionais e até mesmo internacionais desta disputa!

Portanto, como se vê, não se trata de uma simples competição, mas existem organizações de slam no mundo todo. Para algumas pessoas, ser um *slammer* – e não apenas poeta – é uma profissão. Para outras, trata-se de algo muito maior: por ter nascido nos Estados Unidos no final da

¹ Doutoranda do curso de Pós-graduação em Geografia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR; Licencianda, bacharela e mestra em Geografia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. E-mail: gbortolozzo@gmail.com

década de 1980 e se acoplado a eventos de hip-hop, os slams já são parte dessa cultura, como uma ramificação dela. Além disso, as pessoas que geralmente frequentam os slams e nele declamam, apresentam poesias de forte cunho político, social e identitário, e por isso, apostam nos slams como uma forma diferente e não institucional de praticar política.

Trabalhos como de D’Alva (2011; 2014), Neves (2017) e Vilar (2019) explicam que por conta da livre expressão exercida pelas pessoas nos slams, os eventos podem ser considerados como ágoras, termo inspirado no fórum grego, onde os debates políticos sobre a urbe eram realizados por seus cidadãos. Apesar da distância histórica e social entre as configurações desses espaços para a contemporaneidade, no Brasil há a disseminação desta ideia para se referenciar aos slams². Isso ocorre porque as poesias de protesto fomentam discussões sobre temas recorrentes em nossa sociedade em meio às cidades em que as disputas se dão.

Por isso, quando miramos para os slams brasileiros que, antes do cenário pandêmico, ocorriam majoritariamente em espaços públicos³, compreendemos que os slams são capazes de criar vínculos entre as pessoas que nele se apresentam e o apreciam, formando “comunidades” (D’ALVA, 2011; 2014) de cidadãos preocupados com causas comuns. Estas, por sua vez, também vão possibilitar que vínculos afetivos – não necessariamente positivos ou harmoniosos – sejam atrelados aos lugares em que os slams ocorrem. Também por isso, é corriqueiro que cada comunidade de slam receba um nome que corresponda a esses interesses compartilhados e/ou ao local de origem.

Ao acontecer em praças, estações de metrô, quadras esportivas ou em áreas comuns de prédios públicos, os slams que se davam nesses tipos de locais possuíam a capacidade de reivindicar, além dos motes que são proferidos nestes lugares específicos – geralmente ligados a problemas sociais urbanos como periferia e marginalização de grupos sociais –, a própria ocupação dessa população nos espaços públicos das cidades.

É o que ocorria no caso do Slam Contrataque. Uma competição de

² Durante a pesquisa de doutorado da autora Gabriela Bortolozzo, que teve como objeto de estudo o movimento de *poetry slams* curitibanos pode-se notar por meio de entrevistas que alguns participantes dos slams coadunam dessa interpretação. Existe, por exemplo, o documentário denominado “Ágora do agora” (2018) que conta a trajetória do Slam da Resistência de São Paulo – SP, um dos slams mais cultuados do Brasil.

³ Nesta pesquisa, a autora averiguou, por meio da conferência das redes sociais das comunidades de *poetry slam* cadastradas na organização nacional SLAM BR.19 (2019), que dos 210 slams cadastrados: 57 se davam em espaços públicos; 73 oscilavam os eventos em locais públicos e privados; 45 se davam em espaços privados; 28 não se obteve informações.

poesia local de Curitiba – PR, criada em 2017 para ocorrer no Setor Histórico (SH) da cidade, popularmente conhecido como Largo da Ordem, na Praça Garibaldi. O encontro entre poetas, jurados e público, se dava mensalmente, em todos os últimos sábados, marcados para começar às 18 horas. Ao longo de uma média de 4 horas seguidas, as pessoas presentes organizadas em roda, eram convidadas a se apresentar e expressar números artísticos, sentimentos, pensamentos e revoltas. Assim sendo, até fevereiro de 2020, quando cessaram as edições presenciais dos slams na capital.

A intenção deste artigo é relatar brevemente como era o cenário urbano que abarcava esse slam curitibano demonstrando como este evento era capaz de criar temporalmente um território paradoxal (ROSE, 1993; SILVA; 2013; ORNAT, 2013) ao ocupar o espaço do SH da cidade. As contradições inerentes aos centros urbanos como de Curitiba eram o que provocavam no local uma disputa que se estendia desde a poética performática dos envolvidos à formação de um corpo político, ao mesmo tempo único e heterogêneo, para a apropriação do espaço em questão.

Desenvolvimento: o espaço público do Largo da Ordem e o slam – a configuração de corpo[s] político[s] em “contrataque”

O Largo da Ordem em Curitiba – PR é uma parte da região do Setor Histórico da cidade em que é possível observar diferentes cenários com múltiplas configurações sociais, principalmente aos finais de semana. Diversos grupos de pessoas de diferentes classes econômicas e tribos urbanas o ocupam para diferentes fins, mas em especial, aproveitar os bares, restaurantes e a vida artística e cultural que era ativa no local. Havia também populações que escolhiam a região como lugar de estadia e trabalho temporário, sendo possível se deparar com artistas, artesões e a população em situação de rua, que ali encontram oportunidades para angariar recursos.

O local ainda é repleto de prédios e mobiliários históricos, ruas de paralelepípedo e longos passeios destinados ao uso exclusivo de pedestres. Isso torna o Largo atrativo para turistas e para a população curitibana que majoritariamente o utiliza como espaço de lazer e de consumo – seja cultural ou material. Curioso para quem visita a região pela primeira vez,

o centro histórico curitibano carrega consigo uma vida social bastante contemporânea: contrasta-se a paisagem com ocupações de grupos jovens de punks, rappers, funkeiros, entre outros.

Dentro dessa configuração, também se notava a diversidade em cada pessoa, parte delas, carregando “marcadores corporais” (SILVA e ORNAT, 2020) que se destacavam entre as outras. Os geógrafos Silva e Ornat (2020, p.12) explicam que “[...] quanto mais uma pessoa concentra os marcadores corporais considerados desvalorizados na estrutura social, maior é a percepção corpórea e a necessidade de negociar com outras escalas”. Populações negras, LGBTQs, mulheres, pessoas com deficiência, periféricas e assim por diante, são exemplos comuns de pessoas com marcadores corporais notáveis, e estavam presentes nessas pequenas organizações locais.

Para Butler (2019, p.57), os corpos dessas pessoas são marcos de resistência porque não são reconhecidos como legítimos dentro da “espaços do aparecimento” político, tornando-os vulneráveis nas esferas e espaços públicos. Ou seja, apesar de alguns corpos serem realçados por sua aparência perante as estruturas sociais dominantes – como a branquitude, a cisgeneralidade e heterossexualidade –, aqueles não são legitimados quanto ao direito de aparecer. Isso quer dizer que corpos com marcadores corporais estigmatizados por determinada sociedade devem negociar seus espaços de aparecimento. Assim, quando nos deparamos com corpos como esses ocupando os espaços que não foram concebidos para suas presenças, estamos perante a atos políticos de resistência nas cidades.

Para que se tenha um exemplo do que se argumenta, ao frequentar a região do Largo⁴, não era incomum se deparar com “batidas policiais” a fim de intimidar os grupos compostos por pessoas que destoam da configuração social esperada pelos setores públicos e privados da cidade, que por sua vez, investem na construção de uma paisagem dominante (COSGROVE, 1999) na região central de Curitiba. Por esse motivo, os grupos estigmatizados ou marginalizados desses processos, criavam estratégias de “microterritorialização” (COSTA, 2020) de parcelas desses espaços, buscando proteger-se, e ao mesmo tempo, contrariar as imposições vigentes por agentes hegemônicos.

O cenário que habitualmente se montava nas noites de fim de semana

4 A pesquisadora Gabriela Bortolozzo realizou durante todo o ano de 2019 trabalhos de campo que se davam no Largo da Ordem para conferir as edições mensais do Slam Contrataque.

no Largo, compunha-se por diferentes e isolados grupos de pessoas, que microterritorializavam temporariamente partes do local, apropriando-se da arquitetura disponível. Porém, quando as rodas de poesia se iniciavam, era como se uma força centrípeta fosse capaz de concentrar os diversos núcleos dispersos que atuavam em cada “microterritório” (COSTA, 2020). Em uma única roda, pessoas com corporeidades e identidades dispares, pertencentes ou não, àqueles distintos grupos sociais, agregavam-se para assistir, ouvir, recitar e performar poesias e reações a elas. Daí temas tão diversos sendo proclamados em praça pública: desigualdade social, periferia, empoderamento, feminismo, lutas de pessoas com deficiência, racismo, LGBTfobia, violência policial, política, arte marginal, liberdade, entre tantos outros⁵.

No espaço-tempos em que se dava o Slam Contrataque, os corpos marcados pela subalternização e marginalidade tornavam-se foco, centro das atenções e/ou da escuta⁶, em especial quando estes eram capazes de performar suas histórias pessoais por meio de poesias, e, há um só tempo, gerar identificação e representatividade entre os presentes. Quanto mais a roda se enchia de pessoas, maiores se tornavam as possibilidades de compartilhamento de emoções, opiniões e revoltas. A representatividade, por exemplo, era latente: públicos e poetas se reconheciam como pares e torciam mutuamente pela vitória entre iguais.

Entretanto, a sinergia não se sentia apenas entre pessoas “iguais”, eram justamente as diferenças entre elas, em especial entre os corpos, que perpetuavam o desejo de expressão ao centro das rodas. Como havia muitas percepções, experiências e pontos de vistas para se defender, as poesias eram capazes de criar áureas de sentimentos compartilhados por meio do dialogismo (NEVES, 2017) e da fruição artística criada entre poetas e público. A mescla de reivindicações políticas e sociais fomentadas pela criação artística nos eventos de slams, transformavam os múltiplos e microterritórios predispostos no espaço em um único corpo político, configurando um território paradoxal (ROSE, 1993; SILVA, 2013; ORNAT, 2013).

A imagem a seguir serve para ilustrar o que é argumentado:

⁵ Durante a pesquisa já comentada, foi possível categorizar 31 temas distintos que eram geradores das poesias proclamadas durante o ano de 2019, no Slam Contrataque.

⁶ É importante salientar que neste mesmo local ocorria o “Slam Resistência Surda” que, esporadicamente, realizava competições entre poetas surdos e que se expressavam por meio da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Por isso, nem sempre é correto afirmar que se praticava a escuta nesses casos, mas sim a atenção à performatividade dos poetas.

Figura 1 e 2: comparação entre microterritórios (em momentos espaciais sem slam) e territórios paradoxais (em momentos espaciais com slam contraataque)

GRUPOS SOCIAIS DISPERSOS NO ESPAÇO – PRAÇA GARIBALDI EM UM SÁBADO À NOITE SEM A PRESENÇA DO SLAM DE POESIA:



Fonte: Acervo da autora.

GRUPOS SOCIAIS E CORPOS EM ALIANÇA NO ESPAÇO – PRAÇA GARIBALDI EM UM SÁBADO À NOITE COM A PRESENÇA DO SLAM CONTRATAQUE:



Fonte: Fotografia Lis Guedes/Facebook Slam Contraataque – Adaptado pela autora.

Segundo a filósofa Butler (2019, p.138) as vantagens políticas dos “corpos em assembleia” ou “corpos em aliança” é que juntos esses engendram um corpo político único que não se pretende totalitário e/ou massificado, porque além de ser composto por pessoas díspares, são temporalmente considerados um processo, um movimento na busca de um povir. Por isso, ao recorrer juntos à uma busca pela legitimação desses corpos distintos – mas que de alguma forma são precarizados –, os corpos performavam unidos pela não precariedade, o que por si só ganha maior notoriedade perante a sociedade contemporânea – altamente visual.

Butler (2019) aposta nessa força da aliança⁷, pois defende que as corporeidades distintas são capazes de marcar profundamente os espaços. Para ela, a temporalidade efêmera dos corpos unidos nas ruas, somados quanti e qualitativamente, extrapolam as convenções políticas, pois não dão margem às categorizações de instituições partidárias, ou do Estado e outras instituições. A política não institucionalizada, portanto, se realiza nas ruas e de maneira insurgente.

Ao vislumbrar uma dessas rodas de pessoas proclamando poesias de protesto, reivindicando seus distintos “lugares de fala” (RIBEIRO, 2017) e

⁷ Aqui é importante destacar que essa defesa não se faz por qualquer tipo de reunião de corpos nos espaços públicos, “mas assumem valores diferentes dependendo do motivo pelo qual se reúnem e de como essa reunião funciona” (BUTLER, 2019, p.138).

políticas de aparecimento – o que era respeitado no Slam Contrataque – é o que tornava possível se averiguar a conformação de um corpo político, que por sua vez, “contra-atacava” as imposições hegemônicas da paisagem e do ordenamento da cidade. Por meio de sua forma e conteúdo, a função desse corpo extrapolava o fazer unicamente artístico, para ocupar e acionar a apropriação territorial paradoxal desse espaço público da cidade.

Concluindo: mas, sobre o que se trata um território paradoxal?

Dentro da Ciência Geográfica há uma tradição em se estudar os territórios como espaços afetados de poder com limitações bem desenhadas, que colocam os sujeitos em posições opostas entre dominantes e dominados. Desta maneira, se algum território fosse dominado por algo ou alguém isso significaria que o poder estaria fixado nestas figuras, e se houvesse qualquer mudança entre os detentores do poder, o território (micro ou macro) todo se modificaria.

A geógrafa Gillian Rose (1993) nos explana que as perspectivas feministas, sobretudo do feminismo negro, a ajudou refletir sobre espaços e territórios que não fossem calcificados nessas relações estáticas de centro e margem, ou ainda, “*insider/outsider*” nas relações poder. Para esta vertente, tal relação é paradoxal, isso quer dizer que está em constante movimento, sendo possível que um mesmo sujeito ocupe ambos os lugares: o de centro e o de margem, estando dentro e fora dos territórios, simultaneamente.

Isso ocorre, principalmente, porque considera-se que um mesmo sujeito é composto por múltiplas identidades sociais (HALL, 2006) que oscilam e são performadas (BUTLER, 2018; 2019) em cada uma das situações em que vivem. Sendo assim, Ornat (2013) nos explana que, a depender da complexidade e tensão social e espacial experienciada em cada caso, há a configuração de territórios paradoxais, nos quais os poderes – multi e pluridimensionais –, tal qual as identidades, são relativos, relacionais e oscilantes.

Desta forma, o território paradoxal depende muito dos corpos que performam tais identidades e territórios. Silva et. al. (2013, p.89), baseada

em Simonsen (2000), acrescenta que “[...] os corpos são constituídos e usados, tendo como preocupação a inscrição do poder e a capacidade de resistência dos corpos [...] como local de contestação”. Somando-se ao próprio corpo como um espaço imbuído de poder, compreende-se que, ao tratarmos dos slams como um movimento poético-político-social acionado para se apropriar de espaços-públicos, são os poetas e outros presentes os geradores de poder paradoxal que provocam “uma desestabilização da configuração estabelecida” (SILVA, 2013, p.251) no local.

O que tenta-se dizer com isso é que as identidades, que até então eram lidas enquanto periféricas, acabam ganhando lugar de destaque. Espacializada, temporalizada, corporificada e atribuída de poder, a identidade marginal/periférica passa a ser performada como instrumento de dominação territorial para assumir centralidade, e desta forma, coloca em movimento toda a constituição espacial anteposta. Materialmente, essa identidade se presentifica em um corpo – o dos presentes em assembleia (BUTLER, 2019). Esse atribuí ao espaço territorialidade. Dialeticamente, essa devolve ao corpo a experiência do espaço, e, por fim, há a apreensão mútua de centro-periferia no mesmo espaço-tempo em que um slam se realiza.

O movimento é facilmente imaginado: como em uma dinâmica circular contínua, corpos adentravam e saíam das rodas de poesia que se formavam no espaço, sem que existisse um núcleo único. A oscilação é a mesma de quem entra e sai do centro da roda para recitar e contemplar o evento, e vice-versa. O poder, tal qual as pessoas em um slam, deslizavam do centro à periferia, nas margens porosas das rodas de poesias. A força das palavras e ações proferidas em meio as pessoas se dissipavam, gerando níveis diferentes de reação entre os presentes. Como um corpo vivo e pulsante, os slams cumpriam seu papel de inseparabilidade nos atos de praticar arte, política e a vida em sociedade, e por fim, ainda criar desestruturação de poder anteposto no espaço.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. [recurso eletrônico]. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____. **Corpos em aliança e a política das ruas**: Notas para uma teoria performativa de assembleia. Trad. Fernanda Siqueira Miguens; Revisão técnica Carla Rodrigues. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

COSGROVE, Dennis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 222-236.

COSTA, Benhur Pinós da. As geografias das constituições dos devires-expressivos das pessoas como diferenças: perspectivas da análise nas pesquisas em microterritorialidades. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 42, v. 2, p. 90-114, 2020.

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena. **Synergies Brésil** nº 9 – 2011 pp. 119-126. Disponível em: <<http://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>>. Acesso em: 19 de agosto de 2017.

_____. **Teatro Hip Hop**: a performance poética do ator-mc. São Paulo: Perspectiva, 2014.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água**, v. 30, n. 2, p. 92, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>>. Acesso em: 28 de março de 2021.

ORNAT, Marcio Jose. A instituição do território paradoxal na atividade da prostituição travesti. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Batista. **Geografias Malditas**: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. pp.183-206.

ROSE, Gillian. **Feminism and Geography**: The Limits of Geographical Knowledge. Cambridge: Polity Press, 1993.

RIBEIRO, Djamila. **O que é**: lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SLAMBR.19. **Campeonato Brasileiro de Poesia Falada**. São Paulo: SESC, 2019. Catálogo do evento.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CESAR, Tamires Regina A. de Oliveira; CHIMIN JUNIOR, Alides Batista; PRZYBYSZ, Juliana. O corpo como elemento das Geografias Feministas e Queer: um desafio para análise no Brasil. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Batista. **Geografias Malditas**: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. pp. 85-142.

SILVA, Joseli Maria. Interseccionalidade e mobilidade transnacional entre Brasil e Espanha nas redes de prostituição. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Batista. **Geografias Malditas**: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. pp. 243-272.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. O corpo como escala espacial. In: **Desassossegos**: Absurdemos a vida, de leste ao oeste [formato digital], v.4, n.1, 2020, pp.11-16.

VILAR, Fernanda. **Migrações e periferias**: o levante do Slam. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 58, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/elbc/a/5TcrrxVk98Bb3sPhswqDd8g/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 28 mar. 2021.